

The background is a deep blue color. Overlaid on this are several thin, white, curved lines that sweep across the frame from the top and bottom edges, creating a sense of movement and depth. The lines vary in length and curvature, some starting near the top left and sweeping towards the right, others starting near the bottom and curving upwards.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTISTICA
TEMPORADA
2001

**Coro e Orquestra do
Festival de Ludwigsburg**

Wolfgang Gönnenwein
Regente



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA
TEMPORADA
2001

apoio
DAIMLERCHRYSLER

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional
Prefeitura do
Município
de São Paulo
Lei 010923/90

promoção
ELDORADO
FM
92.9

Coro e Orquestra do Festival de Ludwigsburg Wolfgang Gönnenwein *Regente*

Os concertos do Coro e Orquestra do Festival de Ludwigsburg no Brasil foram possíveis graças ao apoio da DaimlerChrysler.

patrocínio

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

CBLC
Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia



Telefonica

 **Votorantim**

Coro e Orquestra do Festival de Ludwigsburg

A origem da Orquestra do Festival de Ludwigsburg remonta ao início dos anos 1970: ao assumir a Direção Artística do evento, em 1972, Wolfgang Gönnerwein reuniu membros de importantes orquestras alemãs, professores e estudantes de pós-graduação de música para prover o Festival de uma orquestra permanente e de alto nível. Os músicos realizaram um trabalho brilhante, e ao longo de quase três décadas seus concertos têm sido considerados o ponto alto do *Ludwigsburger Festspiele*, cuja programação reúne grandes nomes da música erudita internacional.

Além de suas apresentações no Festival e na Alemanha, a Orquestra vem realizando freqüentes e bem-sucedidas turnês internacionais, programas para a rádio e a televisão alemãs e diversas gravações. Desde a sua criação, a Orquestra do Festival de Ludwigsburg tem-se dedicado intensamente à estreita e harmoniosa parceria artística que mantém com o *Süddeutscher Madrigalchor Stuttgart*.



Sucessor do Coro Bruckner, fundado por Johan Nepomuk, o *Madrigalchor Stuttgart* encontra-se sob a liderança de Wolfgang Gönnerwein desde 1959. Aclamado por público e crítica por sua precisão, sua intensidade emocional, sua versatilidade e sua sonoridade de grande beleza, o *Madrigalchor Stuttgart* aborda um extenso e diversificado repertório, que jamais se restringiu a um só gênero musical ou época.

Os 45 integrantes do Coro exercitam a excelência de sua arte onde quer que se apresentem – salas de concerto, igrejas ou palcos de ópera –, e suas apaixonadas interpretações das grandes obras da música sacra, de Heinrich Schütz a Igor Stravinsky, mostram o mesmo brilho que suas entusiásticas leituras de óperas de Gluck, Beethoven, Weber, Mozart e Verdi.

Sob a regência de Gönnerwein, o *Madrigalchor Stuttgart* e a Orquestra do Festival de Ludwigsburg registraram extensa discografia, que inclui, dentre outros, os seguintes títulos: Um Réquiem Alemão, de Brahms, Sinfonia dos Salmos, de Stravinsky, Missa nº 5, de Schubert, *I Mashadieri*, de Verdi, *As Estações*, de Haydn – gravação contemplada com o *Edison Award* – e, de Mozart, a Missa de Réquiem e as óperas *Così fan tutte* e *Don Giovanni*.

Wolfgang Gönnenwein *Regente*



Alemão nascido em 1933, Wolfgang Gönnenwein consagrou-se no cenário musical erudito europeu não apenas como um regente ao mesmo tempo rigoroso e audacioso, mas também como criador e diretor de importantes instituições musicais e animador cultural de larga visão. Esses três talentos, indissociáveis na personalidade de Gönnenwein, têm um mesmo fundamento: sua total dedicação à Música, compreendida como forma de arte capaz de despertar paixões e de colocar o humano em contato com o sublime.

No início dos anos setenta, a trajetória artística de Gönnenwein – que desde 1959 encontrava-se à frente do *Süddeutscher Madrigalchor Stuttgart*, além de atuar também como Regente Convidado de diversos conjuntos vocais e orquestrais – tomou novo e definitivo impulso: em 1972 ele assumiu a Direção Artística do prestigioso *Ludwigsburger Festspiele*, marcando o começo de uma nova era para o Festival, e no ano seguinte tornou-se Reitor da Faculdade de Música e Artes Cênicas de Stuttgart.

Wolfgang Gönnenwein e a formação conhecida como Coro e Orquestra do Festival de Ludwigsburg – que reúne a *Orchester der Ludwigsburger Festspiele* e o *Süddeutscher Madrigalchor Stuttgart* – têm alcançado grande sucesso por seus concertos e também por suas *performances* do ciclo de óperas de Mozart cantadas em alemão. Encenadas no suntuoso mas bastante íntimo teatro barroco do Palácio de Ludwigsburg, essas produções, que foram exibidas pela televisão alemã e registradas em disco, obtiveram calorosos e unânimes elogios do meio musical da Europa.

Recentemente, o maestro e seus músicos dedicaram-se a um projeto que alcançou repercussão equivalente àquela que obtiveram com Mozart: apresentar as primeiras óperas de Verdi, já quase relegadas ao esquecimento, revelando novamente ao público a qualidade e a beleza da fase inicial da produção do compositor. Gönnenwein alcançou ainda grande sucesso ao reger *Fidelio*, de Beethoven (em concerto), *Oedipus Rex*, de Stravinsky, e *Ein Überlebender aus Warschau*, de Schönberg, que dirigiu no Festival de Música de Dresden.

Além de seus compromissos regulares no Festival de Ludwigsburg e na Alemanha, Wolfgang Gönnenwein e seus músicos vêm conquistando também o público e a crítica internacionais, em turnês que já os levaram às melhores salas de música de diversos países da Europa, da América do Sul e do Oriente Médio, bem como ao Japão e à China. Paralelamente a suas atividades nas salas de concerto e nos palcos líricos, o maestro Gönnenwein é autor de extensa discografia, registrada com o Coro e Orquestra do Festival de Ludwigsburg e também com outros conjuntos.

Solistas

Christiane Libor *Soprano*

Alemã nascida em Berlim, Christiane Libor estudou e graduou-se com distinção em sua cidade natal, onde teve como principal influência o professor e músico A. Fried. A cantora complementou sua formação com Fischer-Dieskau e Julia Varady e participou de *master classes* de Edith Mathis, Hans Hotter e Peter Schreier.

Premiada pelo Concurso Internacional Mozart de Salzburgo de 1999, e detentora do Prêmio Hasse da Academia de Artes de Berlim, Christiane Libor vem colaborando regularmente com os maestros Helmut Rilling e Tom Koopman e tem-se apresentado ao lado de conjuntos como a Orquestra Sinfônica de Berlim, o Collegium Bach de Stuttgart, a Filarmônica de Varsóvia e a Orquestra Barroca de Amsterdã. Em 1999 a soprano estreou na Ópera de Hamburgo, teatro ao qual voltou recentemente em produção de *A Flauta Mágica*.



Carmen Mammoser *Mezzosoprano*

Graduada pela Academia de Música de Stuttgart, sua cidade natal, Carmen Mammoser completou sua formação trabalhando sob a orientação de Hildegard Dietz. Após graduar-se, recebeu uma bolsa de estudos do governo alemão que lhe permitiu especializar-se em ópera e *lieder* na Academia de Música de Stuttgart, instituição da qual se tornou professora.

Detentora de diversos prêmios em prestigiosos concursos de canto da Alemanha, a cantora integra o elenco de solistas da Ópera de Stuttgart, onde vem abordando extenso repertório lírico, que se estende das principais óperas de Mozart aos melhores títulos da produção operística moderna. Solista Convidada de diversos teatros de ópera da Alemanha, Carmen Mammoser tem-se apresentado também em recitais e concertos com orquestra, tanto em seu país como em turnês internacionais.





Christian Elsner *Tenor*

Alemão nascido em Freiburg, estudou com Martin Gründler e especializou-se em música de concerto e de câmara frequentando cursos de Fischer-Dieskau e Charles Spencer. Nos palcos líricos, o tenor tem-se apresentado como Artista Convidado das Óperas de Mainz, Heidelberg, Darmstadt, Frankfurt e Munique, bem como dos Festivais de Salzburgo e de Halle.

Contudo, é principalmente como solista de concerto e recitalista que Christian Elsner vem conquistando o público e a crítica de alguns dos mais importantes centros musicais da Europa. Seu repertório abrange obras de Mozart, Haendel, Mendelssohn, Mahler, Bruckner, Dvorák, Beethoven e Hindemith, que vem mostrando com sucesso ao lado de prestigiosas orquestras europeias, sob a regência de maestros como Blomstedt, Schreier, Janowski, Welser-Möst, Giulini e Christoph Eschenbach.



Siegfried Lorenz *Baixo-Barítono*

Solista da Ópera de Berlim por diversos anos, Siegfried Lorenz é um dos mais importantes barítonos alemães da atualidade e vem realizando prestigiosa carreira internacional. Nos últimos anos, tem-se apresentado como Artista Convidado das Óperas de Berlim, Hamburgo, Dresden, Stuttgart, Viena, Amsterdã e Turim. Seu repertório operístico inclui títulos como *Tannhäuser*, *Parsifal*, *Os Mestres Cantores*, *Moses und Aron*, *Così fan tutte*, *Le Nozze di Figaro* e *Capriccio*, dentre outros.

Como solista de concerto, já se apresentou ao lado da Orquestra de Cleveland, da Sinfônica de Tóquio, das Filarmônicas de Berlim, Munique e Roterdã, da Orquestra da *Gewandhaus* de Leipzig e das Filarmônicas de Israel e Nova Iorque. Siegfried Lorenz tem-se destacado também como recitalista, por suas interpretações dos ciclos *Winterreise*, *Schwanengesang* e *Die Schöne Müllerin*.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA
2001

Série Branca

23 de abril, segunda-feira, 21h

Série Azul

24 de abril, terça-feira, 21h

Série Verde

25 de abril, quarta-feira, 21h

G. F. Haendel

(1685 – 1759)

O Messias

Transcrição de W. A. Mozart, K.572 (1789)

Próximos Concertos

8 e 9 de maio, Sala São Paulo

**Concerto Copenhagen e Coro
da Capela Real de Copenhagen**
Ebbe Munk *Regente*

Haendel – Dettingen Te Deum

Canções Escandinavas Tradicionais – The Garland
of the Year

Mozart – Missa da Coroação, K.317

abril 23, 24 e 25 Teatro Cultura Artística

**Coro e Orquestra do
Festival de Ludwigsburg**
Wolfgang Gönnenwein *Regente*

maio 8 e 9 Sala São Paulo

**Concerto Copenhagen e Coro
da Capela Real de Copenhagen**
Ebbe Munk *Regente*

maio 28 e 29 Sala São Paulo

Dezsö Ranki e Edit Klukon *Pianos*

junho 19 e 20 Sala São Paulo

Orquestra Filarmônica de Nova Iorque
Kurt Masur *Regente*
Christine Brewer *Soprano*

junho 25, 26 e 27 Teatro Cultura Artística

Ute Lemper

julho 9, 10 e 11 Teatro Cultura Artística

Quarteto Hagen *Cordas*

agosto 5 e 6 Sala São Paulo

Orquestra Filarmônica de Israel
Zubin Mehta *Regente*

agosto 13, 14 e 15 Teatro Cultura Artística

Hesperion XXI
Jordi Savall *Regente*

agosto 27, 28 e 29 Teatro Cultura Artística

Il Giardino Armonico
Giovanni Antonini *Regente*

outubro 8, 9 e 10 Teatro Cultura Artística

Camerata Bern
Heinz Holliger *Oboé*

outubro 23, 24 e 25 Teatro Cultura Artística

Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim
Marek Janowski *Regente*
José Feghali *Piano*

Coro e Orquestra do Festival de Ludwigsburg

Wolfgang Gönnewein

Direção Musical e Regência

Solistas

Christiane Libor Soprano
Carmen Mammoser Mezzosoprano
Christian Elsner Tenor
Siegfried Lorenz Baixo-Baritono

Coro

Sopranos
Sabine Fischer
Dorothea Gauss
Jutta Glathe
Veronika Hipp
Uta Kirn-Dalferth
Stefanie Rumpelt
Lydia Teuscher
Angela Walter-Gauger
Barbara Zeller
Rita Zimmer

Contraltos

Martina Bach
Christina Corderman
Ilse Gönnewein
Ursula Neuhäusler
Erika Ording
Doris Schlücker
Annegret Schreiter
Judith Simonis
Martina Unkauf

Tenores

Friedemann Büttner
Marc Hennen
Andreas Kramer
Majjan Lazic
Wolfgang Maresch
Reto Raphael Rosin
Tobias Wall
Wolfgang Zimmer

Baixos

Hartmut Clauß
Eberhard Gauger
Florian Götz
Klaus Hörner
Helmut Landsleitner
Felix Mayer
Peter Neuhäusler
Samuel Pichlmaier
Marco Spehar

Orquestra

Primeiros Violinos

Gustavo Surgik
Mathias Neundorf
Stephan Knotte
Silke Meyer-Eggen
Anja Boruvka-Oence
Murat can Oence
Christiane Gerlinger
Andreas Fendrich

Segundos Violinos

Radu Gerstein-Ichimescu
Hans-Günter Rückauer
Constanze Gahl-Schöne
Xiao Hui Huang
Michael Davis
Antje Lindemann

Violas

Hardy Wenzel
Baldur Pollich
Burkhard Zeh
Karin Böhnel-Gehring
Nicole Unger

Violoncelos

Michael Groß
Stefan Kraut
Chihiro Saito
Vache Bagratuni

Contrabaixos

Ulrich Lau
Sonja Lau

Flautas

Wally Hase
Barbara Grauer-Singh

Oboés

Klaus Kärcher
Andreas Vogel

Clarinetas

Manfred Lindner
Benjamin Reissenberger

Fagotes

Albrecht Holder
Gudrun Kröniger

Trompas

Wolfgang Wipfler
Karen Schade

Trompetes

Laura Vukobratovic
Wim van Hasselt

Trombones

Andreas Kraft
Thomas Ehrmann
Hubert Hegele

Tímpanos

Babette Haag

Órgão

Jörg-Hannes Hahn



Sempre afinados com o seu bom gosto.

Orquestra e Coro do Festival de Ludwigsburg em São Paulo. Afinal, nós, da DaimlerChrysler, sabemos como agradar você: basta oferecer o que há de melhor no mundo.

DAIMLERCHRYSLER



Mercedes-Benz



The New Dodge

Jeep
Só Existe Um.

derado o primeiro verdadeiro oratório barroco. Depois vieram as obras congêneres de Carissimi, tido como o criador das "histórias sacras", nas quais um recitante narra a ação, interrompida apenas pelas árias contemplativas dos solistas, pelos coros e pelas "sinfonias". Carissimi, Stradella, Cesti, Scarlatti, Lotti, Pergolesi e Vivaldi, por sua vez, elaboraram oratórios cada vez mais parecidos com óperas, só que sempre apresentados sem cenários ou ação cênica.

No mundo germânico, para onde o oratório foi levado por Schütz, o gênero desenvolveu-se grandemente através de Kerll e Krieger, alcançando a sua culminância nos 33 exemplares nos deixados por Telemann e nas obras-primas assinadas por Johann Sebastian Bach: Oratório de Natal, *Magnificat* e as Paixões Segundo João e Mateus. Na França, o maior criador de oratórios barrocos foi Marc-Antoine Charpentier.

O Oratório Barroco

O oratório barroco surgiu na Itália nos últimos anos do século XVI, sendo assim contemporâneo da também nascente ópera. Ambos os gêneros, inicialmente bastante inovadores, presidiaram à dramatização do discurso musical. Narrando uma história através de recitativos, árias, duetos, trios e coros, com acompanhamento instrumental, eles colocavam à disposição do público toda uma forte carga expressiva, em geral inexistente no velho madrigal renascentista, elaborado à base da polifonia vocal desacompanhada.

Se o oratório compartilhava com a ópera de solistas vocais, coro e orquestra, distinguiu-se dela desde sempre ao eleger libreto baseado em texto religioso ou meditativo e ao abdicar de qualquer ação cênica. Mas sua dramaticidade, alcançada através do emprego da nova melodia acompanhada, foi responsável pela criação de um inédito universo sonoro, no qual a música foi posta a serviço dos conteúdos expressivos do texto. E, por ser "espetacular", como requeria a estética barroca, contribuiu para diminuir a distância existente entre a música sacra e a profana.

O gênero foi inicialmente cultivado na Itália, sendo *La Rappresentazione di Anima e di Corpo*, de 1600, de autoria de Cavaliere, consi-

Haendel e o Oratório

Homem de teatro, Haendel abordou com extrema felicidade o gênero oratório, legando-nos mais de duas dúzias deles. Iniciou-se nesse domínio com *Il Trionfo del Tempo e del Disinganno*, possivelmente estreado em Roma, em 1707. Mas foi na Inglaterra que Haendel compôs a maior parte de seus oratórios. Os 16 inspirados na Bíblia foram concebidos em vastas proporções e animados por um extraordinário sopro religioso. Neles, numerosos coros harmonizados, fugados ou descritivos se misturam intimamente à ação, concretizando esplendoresos painéis sonoros geradores de enorme emoção. A partir da década de 1710 e até o final de sua vida, Haendel assinou, dentre muitos outros, *Esther*, *Deborah*, *Saul*, *Israel in Egypt*, *Samson*, *Judas Maccabaeus*, *Semele* e *Jephta*.

Certamente o mais cosmopolita dos compositores barrocos, Haendel soube aliar como ninguém as várias práticas musicais em uso em sua época em luminosas amálgamas. No campo do oratório, ele deixou as marcas de uma personalidade criativa generosa, capaz de conceber obras magnificentes, dotadas de grande poder de sedução.

A respeito da produção desse músico que se naturalizou inglês disse a musicóloga Raphaëlle Legrand: "A obra de Haendel, toda ela trazendo a forte marca da sua personalidade, é a miscigenação de todos os estilos de seu tempo: escritura concertante e árias *da capo* italianas, aberturas e danças francesas, fugas alemãs, contraponto anglicano e volteios de frase purcellianos. Ele funde todos esses elementos ao sabor da sua própria inspiração, em vista de uma melhor eficácia dramática. Esse pragmatismo se encontra até mesmo em seus métodos de composição, próximos da improvisação: sua inacreditável fecundidade – era capaz de escrever um oratório em um mês – fundamenta-se em uma multidão de empréstimos, a suas obras anteriores e também às de outros compositores. Se, por vezes, trata-se de cópias que beiram o plágio, ele mais freqüentemente enriquece o tema que estimulou sua imaginação, extraindo dele desenvolvimentos inesperados, em ricas orquestrações. Capaz de se confrontar com todos os gêneros – ópera, moteto, *anthem*, cantata, concerto –, ele criou em todos os seus detalhes o oratório inglês, enriquecendo o modelo italiano com coros e formas inéditas, nascidos de uma personalíssima concepção dramática. Fez do oratório um gênero profundamente original, atraindo o público burguês por seu propósito moralizador, fascinando-o com os concertos para órgão que tocava durante os entreatos, adaptando-se às técnicas dos cantores ingleses e satisfazendo o seu próprio gosto pela grandiosidade, através da utilização de efetivos vocais e instrumentais impressionantes para a época".

***The Messiah* de Haendel**

O oratório mais famoso de Haendel foi escrito às pressas, entre 22 de agosto e 14 de setembro de 1741, em Dublin, na Irlanda. O compositor já havia mostrado para o público da cidade várias obras suas, todas elas muito bem recebidas. Na noite da estréia, ocorrida em 13 de abril de 1742, havia tanta gente na sala que foi pedido às senhoras de vir sem cestas e aos cavalheiros de não trazer espadas. Os lucros

da noitada foram destinados às obras de assistência social.

Depois do enorme triunfo, Haendel deixou Dublin, oferecendo um manuscrito de *The Messiah* a uma instituição de caridade. Desde então, a obra jamais conheceu um só período de ostracismo, continuando, ainda hoje, a ser uma das prediletas não só do público inglês, como do de todo o mundo.

O texto de *O Messias*, compilado por Charles Jennens, responsável também pelo libreto de *Samson*, é notavelmente homogêneo e equilibrado: curtas citações encadeiam-se sem ruptura, ligadas por vários níveis de sentido, em uma constante progressão da narrativa. Na Primeira Parte do Oratório, Jennens faz apelo aos profetas que anunciam a vinda de Cristo e aos Evangelhos. Na Segunda Parte, fundamentada nas Lamentações de Jeremias e nos Salmos, retrata a Paixão e a Ressurreição. Uma reflexão sobre a Redenção, conduzida a partir das cartas de São Paulo, vem concluir o conjunto. A narração direta tem pouco espaço nesse libreto. Ai, o Messias não é uma personagem dramática como na *Brockes-Passion*; ele é evocado por alusões, analogias ou comentários, em textos solenes e repletos de imagens, prestando-se muito bem às ilustrações sonoras nas quais Haendel era um poderoso mestre. Do conjunto do texto destaca-se uma visão triunfante e majestosa de Cristo, muito distanciada, salvo no início da Segunda Parte, do Cristo sofredor e patético das Paixões alemãs.

A Primeira Parte do Oratório trata das profecias que anunciam a vinda do Messias, do Natal, assim como do ministério de Cristo. O texto é baseado sobretudo no Livro de Isaías e no Evangelho de Lucas. A Segunda Parte, que abre maior espaço para as participações corais, faz alusões à Paixão e, posteriormente, à Glória de Cristo depois da Ressurreição. Mais curta que as anteriores, a Terceira Parte da obra apresenta-se como uma reflexão sobre o papel redentor de Cristo, fundamentada em textos de São Paulo. Instigado pelo excelente libreto, Haendel criou um harmonioso edifício musical, cuja arquitetura ganhou a admiração da posteridade.

Mozart e *O Messias*

Finalmente livre, desde 1781, do constrangedor jugo do arcebispo Colloredo, Mozart passou a levar uma vida de artista autônomo, em Viena. E porque necessitava de dinheiro para sobreviver, aceitou várias vezes encomendas, como as feitas a ele pelo barão Gottfried Bernard van Swieten (1733 – 1803), aristocrata que dirigia a Biblioteca Imperial e era uma espécie de antiquário musical. Além de promover reuniões em casa, o barão fundara uma sociedade destinada à execução de oratórios, um dos gêneros de sua predileção. Foi para ela que o aristocrata encomendou a Mozart os chamados “acompanhamentos adicionais” de quatro obras de Haendel: *Acis and Galatea*, *Ode for St. Cecilia's Day*, *Alexander's Feast* e *The Messiah*.

Antes de tudo, é necessário lembrar que para o público “iluminista” da segunda metade do século XVIII, tudo o que não fosse composto à época era considerado “arcaico”, fora de moda. Para o ouvinte criado durante o Classicismo, as orquestrações barrocas soavam precárias, destituídas de um verdadeiro sabor. Não por acaso, pois os compositores do passado costumavam inscrever em partitura, abaixo da linha melódica principal, apenas os acordes da harmonia, através do denominado baixo-contínuo. E se é verdade que *O Messias* de Haendel previa o emprego, ao lado das cordas, de pares de oboés, fagotes e trompetes, além de tímboles e do contínuo, igualmente é verdade que a “orquestração” ficava a cargo das possibilidades do momento.

Assim, Mozart efetivamente orquestrou o oratório, escrevendo por extenso as partes instrumentais e incorporando à massa orquestral flautas e flautim, clarinetas, trompas e trombones. Com o novo arsenal sonoro, o genial compositor sentiu-se à vontade não apenas para se submeter à “realização” fiel do baixo-cifrado, como também para inventar linhas melódicas novas, que passaram a dialogar com as desse Haendel que ele tanto admirava. E como até mesmo as práticas vocais e instrumentais haviam mudado, Mozart adequou o manuscrito à realidade de sua própria época. Durante o século

XX, quando se instalou no domínio da interpretação do repertório antigo uma espécie de visão por assim dizer “arqueológica”, a versão que Mozart providenciou para *O Messias* passou a ter lá os seus detratores.

Durante a década de 1920, B. Baumgartner colocou em ensaio dedicado ao tema: “Dando autonomia e jogo melódico às partes de acompanhamento, Mozart por vezes conseguiu levar a parte harmonizada resultante ao mesmo nível de importância da linha melódica original. Esse modo de proceder e as sonoridades bem mais carregadas da orquestra mozartiana talvez nos pareçam hoje estilisticamente discutíveis. Tanto é assim que as transcrições de Mozart, ainda que notáveis, acabaram por desaparecer de nossos programas, junto a numerosas tentativas análogas de “modernizar” outras páginas do século passado”.

A primeira apresentação de *O Messias* na versão de Mozart ocorreu em 6 de março de 1789, na residência do conde Johann Esterházy, com o “arranjador” na regência de uma orquestra pequena, de quatro solistas vocais e de um coro integrado por doze cantores.

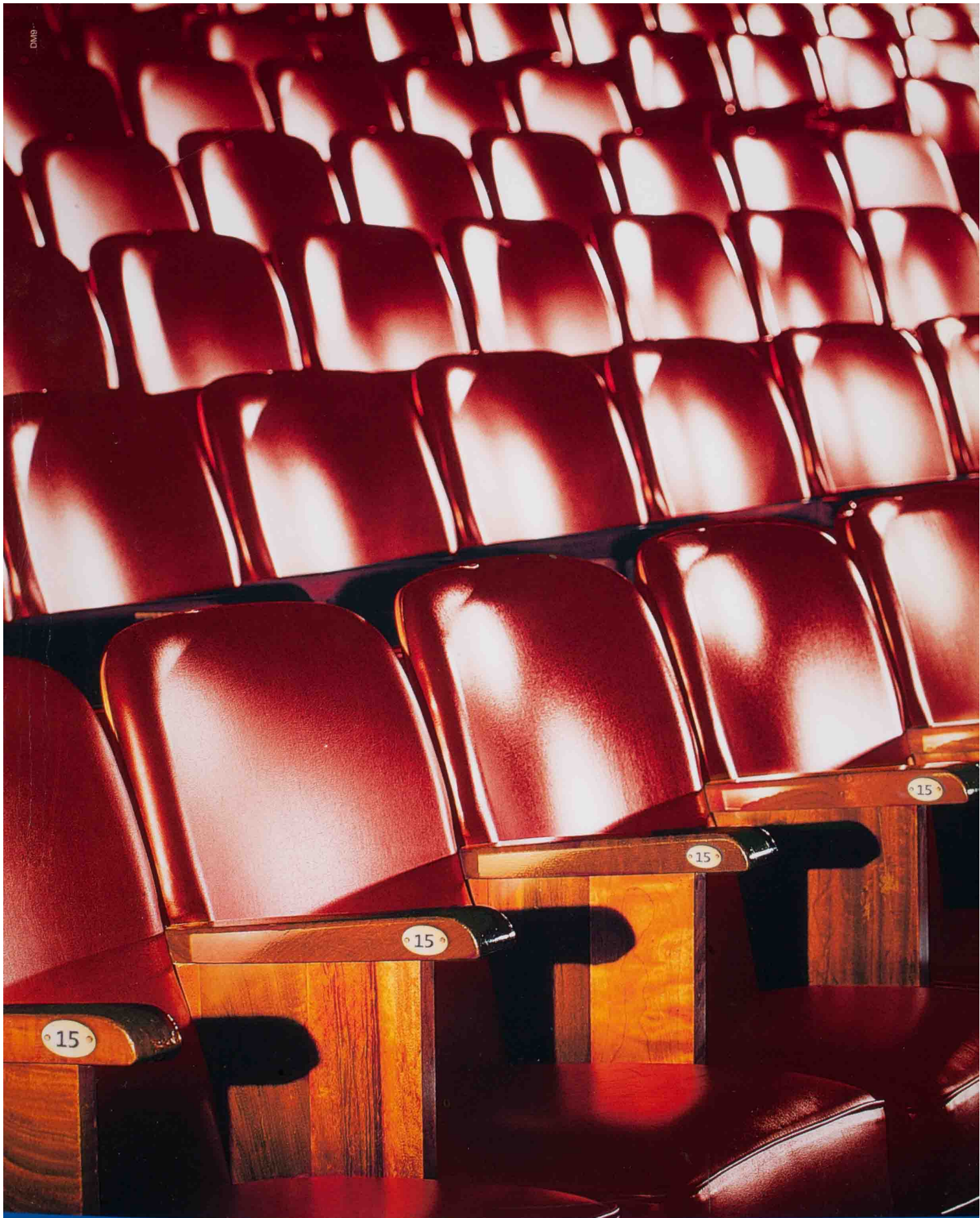
**Não perca
a próxima
atração!**

CONCERTO

GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

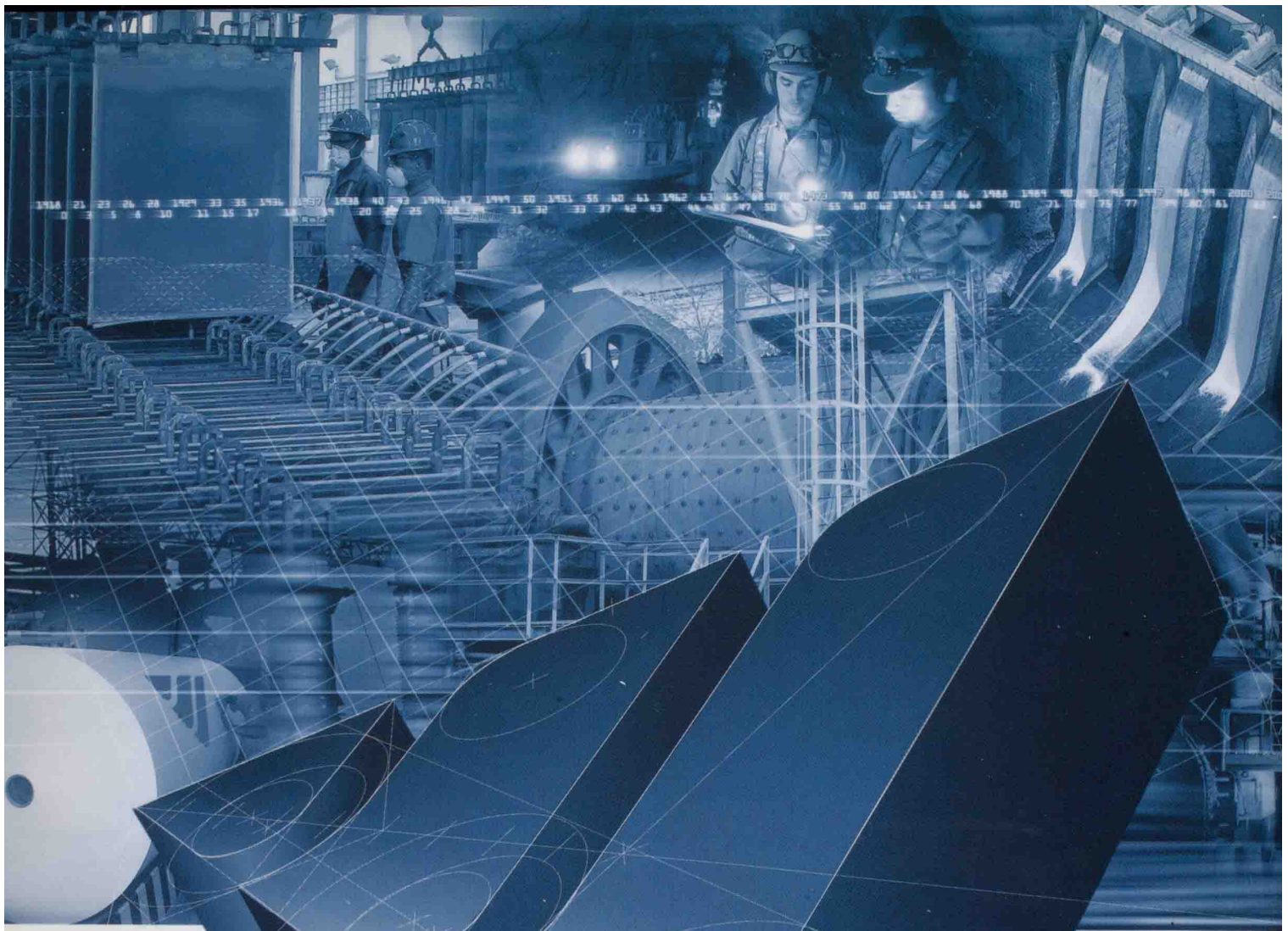
(para assinar ligue (011) 535-5518)

DMB



O 15 de São Paulo patrocina a temporada de concertos musicais do Cultura Artística.

Telefônica



Harmonia.
A base de nossa
nova imagem.



Votorantim